

Mulheres lideram entre novos investidores da B3 no Estado

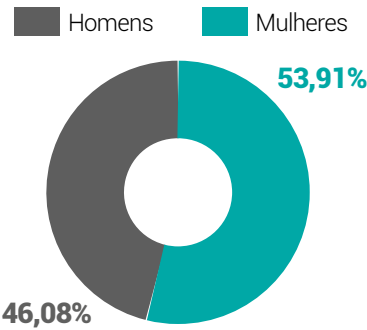
Público feminino representa cerca de 54% dos novos CPFs gaúchos na Bolsa

/ MERCADO FINANCEIRO

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

As mulheres passaram a liderar a expansão da Bolsa de Valores no Rio Grande do Sul. Embora ainda representem uma parcela menor do total de investidores, elas responderam pela maior parte dos novos ingressos no mercado de renda variável no Estado nos últimos três anos. Dados obtidos pelo Jornal do Comércio junto à B3 mostram que, entre dezembro de 2022 e junho de 2026, 14.119 mulheres passaram a investir em ativos negociados na Bolsa, frente a 12.068 homens. Na prática, elas representam cerca de 54% dos novos investidores gaúchos

Novos investidores gaúchos



no período.

O movimento também aparece quando se observa o ritmo de crescimento. Enquanto o número de investidoras avançou 22,2% - de 63.469 para 77.588 -, entre os homens a alta foi de 5,5%, passando de 218.908 para 230.976 investidores. Proporcionalmente, a expansão feminina foi quatro vezes maior.

Além da ampliação da base de investidoras, o patrimônio aplicado pelas mulheres também cresceu proporcionalmente acima do registrado entre os homens. O volume investido por elas passou de R\$ 5,53 bilhões para R\$ 8,34 bilhões, alta de 50,8% no período. Entre os investidores do sexo masculino, o patrimônio evoluiu de R\$ 18,93 bilhões para R\$ 27,60 bilhões, crescimento de 45,8%.

O avanço observado no Estado acompanha uma tendência nacional. Em fevereiro deste ano, as mulheres somavam 1,48 milhão de investidoras na B3, equivalente a 26,7% das pessoas físicas com posição em renda variável. Nos últimos cinco anos, esse contingente cresceu 83,4% no País.

Para a educadora financeira e professora dos cursos de Ciências Contábeis e Economia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), Wendy Carraro, essa

transformação é resultado de uma combinação de fatores econômicos, tecnológicos e culturais. Segundo ela, a democratização da educação financeira, a popularização das plataformas digitais e a busca crescente por autonomia patrimonial fizeram com que mais mulheres passassem a investir.

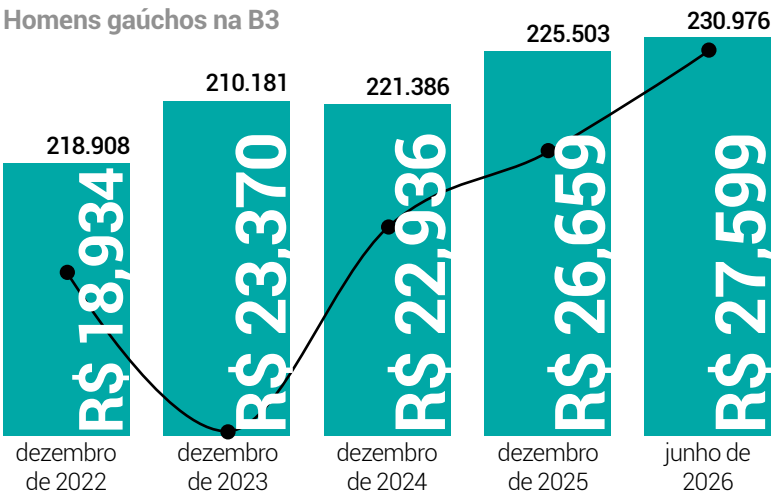
“Hoje existe muito mais acesso à informação, seja por cursos, redes sociais ou conteúdos produzidos por mulheres que falam diretamente com esse público. Isso gera identificação e reduz a percepção de que investir é algo distante ou restrito a especialistas”, afirma.

A professora destaca que a motivação vai além da rentabilidade. “Cada vez mais mulheres querem participar ativamente das decisões financeiras da família e construir seu próprio patrimônio. Não é uma questão apenas de independência para quem vive sozinha, mas de protagonismo sobre o próprio futuro financeiro”, explica.

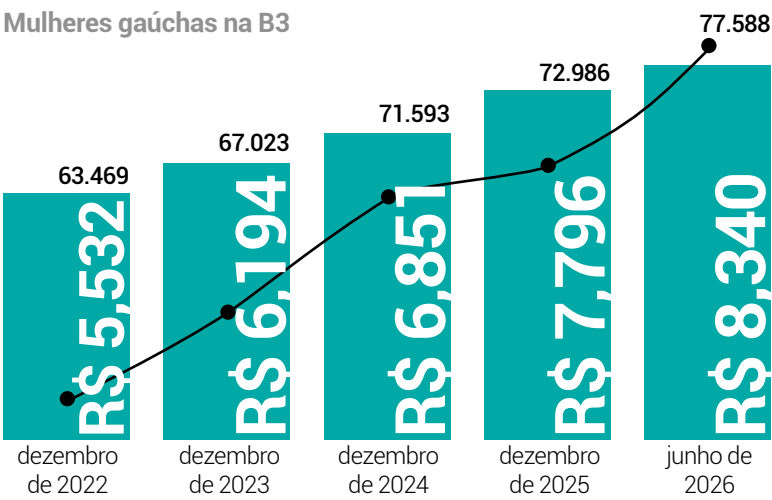
Outro fator decisivo, segundo Wendy, foi a redução das barreiras de entrada. A possibilidade de investir diretamente pelo celular, com aplicações de baixo valor e linguagem mais acessível, aproximou um público que antes via o mercado financeiro como comple-

Investidores

Quantidade de investidores Valor investido em bilhões



Mulheres gaúchas na B3



xo e elitizado.

Na avaliação do líder da XP no Rio Grande do Sul, Bruno Vargas, o Estado reúne características que ajudam a impulsionar esse movimento. A forte presença feminina no empreendedorismo, a tradição gaúcha de planejamento financeiro e a necessidade de reconstrução patrimonial após eventos climáticos extremos recentes, diz,

reforçaram a importância da organização das finanças.

“O Rio Grande do Sul não apenas acompanha essa tendência nacional. Em alguns aspectos, está na vanguarda dela. As mulheres estão cada vez mais presentes, investindo, orientando decisões e contribuindo para um mercado financeiro mais representativo”, analisa.

Mulheres que fazem parte desta transformação

A técnica bancária Gabriela Gomes, de 22 anos, começou a investir logo que ingressou no mercado de trabalho, mas o interesse pelas finanças nasceu bem antes. Ainda na adolescência, incentivada pelo pai, passou a ler livros sobre educação financeira e, ao ingressar no curso de Economia da Ufrgs, aprofundou os conhecimentos em disciplinas como Administração de Carteiras e Análise de Investimentos.

Os primeiros aportes foram em aplicações conservadoras, como Tesouro Direto e CDBs. Apenas neste ano ela decidiu dar o primeiro passo na renda variável, sempre com foco no longo prazo. A estratégia é investir em empresas consolidadas e fundos imobiliários que distribuem dividendos, reinvestindo os rendimentos para aproveitar os efeitos dos juros compostos.

“Eu tinha muito receio de ver o dinheiro desvalorizar. Hoje continuo com perfil conservador, porque a maior parte da minha carteira está em renda fixa, mas já me sinto mais segura para investir em ações”, conta. Segundo ela, o maior aprendizado veio justamente com as oscilações do mercado. Depois de ver um fundo de investimento perder valor logo após a aplicação, percebeu que a pior decisão seria retirar o dinheiro no momento de baixa. “Apreendi que não adianta se desesperar. Investimento de mercado exige paciência”, afirma.

Mesmo trabalhando no setor financeiro, Gabriela acredita que ainda existe a percepção de que investimentos são um assunto predominantemente masculino, embora veja esse cenário mudando gradualmente.

A relação da estudante de Ar-

quitetura Melissa Martins, de 24 anos, com o dinheiro começou muito antes do primeiro investimento. Ainda criança, mantinha um cofrinho no quarto para guardar presentes da família e o troco da escola, hábito incentivado pelos pais como forma de desenvolver consciência financeira desde cedo.

A primeira mudança aconteceu aos 17 anos, quando abriu a conta bancária e precisou fazer a transição do dinheiro físico para o digital. No ano seguinte, durante a pandemia, recebeu do pai uma quantia inicial para começar a investir e conheceu produtos como CDB, Tesouro Direto e LCI/LCA. O interesse cresceu junto com os estudos sobre educação financeira e, em 2025, ela decidiu entrar também na renda variável.

Hoje, mantém uma carteira diversificada, com poupança, CDBs, LCIs, Tesouro Direto, ações



Gabriela Gomes e Melissa Martins integram a nova geração de investidoras

e fundos imobiliários. Para ela, o incentivo da família foi decisivo para vencer o receio inicial. “Meus pais praticamente me obrigaram a começar. Depois fui estudando, entendendo melhor o mercado e percebi que meu dinheiro poderia render mais do que na poupança”, relata.

Assim como Gabriela, Melissa

avalia que ainda existe o estigma de que investimentos são um universo masculino, resultado de um mercado historicamente ocupado por homens. No entanto, acredita que a ampliação do acesso à educação financeira e a presença crescente de mulheres no mercado têm contribuído para mudar esse cenário.